

A NARRATIVA EM PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS DE 6º ANO

Flávia Cristina Candido de Oliveira *

Maria Margarete Fernandes de Sousa **

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a sequência narrativa em produções textuais de alunos de 6º ano, à luz do protótipo narrativo de Adam (1992; 2008) e da narração de Bronckart (2007). Ambos os autores são tomados por base para uma complementação de suas teorias, acrescentando o último um aspecto relevante em nossa pesquisa – o *script*. O *corpus* da pesquisa constitui-se de quarenta e duas (42) produções textuais construídas em sala de aula através de oficinas, seguindo as orientações das sequências didáticas de Schneuwly; Dolz (2004). Esse artigo apresenta apenas uma categoria de análise de uma pesquisa de maior extensão acerca do tema. No entanto, consideramos que a categoria aqui tratada seja relevante, principalmente para o professor, pois traz informações que contribuem para respaldar o trabalho desse profissional.

Palavras-chave: Sequência narrativa. *Script*. Prosa escolar.

Abstract: This article aims at analyzing the narrative sequence in text productions of students of the sixth grade. We rely on Adam's (1992; 2008) narrative prototype and on the narration of Bronckart (2007). Both authors are theoretical references for the data analysis, and the latter one is responsible for a relevant aspect of our research - the *script*. The corpus of the research is composed by 42 textual productions which were done during the classes through workshops, following the orientations of the didactic sequences proposed by Schneuwly; Dolz (2004). In this article, we show that the categories of analysis were incorporated into the texts of the students that took part in the workshops. We consider that these categories are also relevant to the teacher, because they bring important information that contributes to support their didactic-pedagogic work.

Keywords: Narrative sequence. *Script*. Scholar prose.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística, PPGL/UFC e pesquisadora do Grupo de Pesquisa GETEME – PROTEXTO/UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil, flavia_cristina2003@yahoo.com.br

** Professora Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas e Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC. Coordenadora do Grupo de Estudos Gêneros Textuais: Perspectivas Teóricas e Metodológicas –GETEME, vinculado ao Grupo de Pesquisa Estudos do texto e do Discurso – PROTEXTO/UFC Fortaleza, Ceará, Brasil, margarete.ufc@gmail.com

Introdução

Dentre os vários aspectos que compõem o texto, um aspecto relacionado ao assunto nos chamou atenção: a sequência narrativa. Em princípio, surgiu a seguinte questão, em função da dúvida que nos motiva: há diferença entre sequência narrativa e *script*? Para isso, analisamos quarenta e duas produções textuais de alunos de 6º ano do Ensino Fundamental II, tendo como gênero o conto popular. Apoiamo-nos em pressupostos da Linguística Textual, no protótipo narrativo de Adam (1992; 2008) e no ISD de Bronckart (2007), especificamente, no tipo de discurso narração. Nosso objetivo é analisar a infraestrutura textual, verificando a presença da sequência narrativa ou do *script* na construção desses textos.

A pesquisa apresenta um caráter teórico-prático e é delineada em quase-experimental. A análise foi baseada em um *corpus* que se compõe de quarenta e duas produções textuais, divididas em produção inicial (PI) e produção final (PF). Essas produções textuais foram recolhidas durante um período de três semanas, com atividades que tratavam da infraestrutura do texto, conforme citado anteriormente. Para isso, organizamos as oficinas à luz das sequências didáticas de Schneuwly; Dolz (2004).

A análise levou-nos a observar que muitas das produções foram estruturadas segundo a sequência narrativa de Adam (1992; 2008); outras, porém, apresentaram somente o *script*, conforme defende Bronckart (2007). Constatamos que os alunos possuem a estrutura narrativa internalizada, porém nem sempre conseguem distinguir entre o processo de intriga e o *script*, produzindo textos que ora narram ora enumeram ações. Acreditamos que a pesquisa constituiu-se em uma reflexão teórica sobre a construção do texto narrativo de alunos de 6º ano. A relevância desta pesquisa está na compreensão da infraestrutura do texto que auxilia o aluno a produzir gêneros do narrar e o professor a compreender esse processo, valorizando e auxiliando o aluno na construção da produção textual de gêneros narrativos.

Sequência narrativa

A narrativa, embora seja uma das sequências mais estudadas, quer por linguistas, quer por pedagogos, continua sendo um tema ainda muito explorado e que desperta muito interesse em novas pesquisas, haja vista que tem suscitado ainda novidade como a que acabamos de investigar. Segundo Adam (2008), a sequência narrativa é uma unidade textual complexa e relativamente autônoma, integrada e organizada em macroproposições. As sequências, de modo geral, são diferentes entre si, porque apresentam características linguísticas peculiares que são reconhecidas pelo leitor/interpretante como típicas ou canônicas. Além disso, a estrutura sequencial num texto (T) pode comportar um número de sequências completas ou elípticas que permitem abordar a heterogeneidade composicional em termos hierárquicos muito gerais. Para efeito de compreensão, Adam (1994) demonstra uma estrutura hierárquica elementar da sequência textual da seguinte forma: # [T [Sequência (s) [macroproposição (ões) [proposição (ões)]]]] #.

As proposições aqui representadas são componentes de uma unidade superior. A macroproposição é uma unidade constituinte da *sequência*, e esta uma unidade constituinte do *texto*; o sinal /#/ delimita a fronteira do texto e marca o começo e o fim de uma comunicação. Como afirma Adam (1994, p. 114), “um texto narrativo é uma estrutura hierárquica complexa compreendendo ‘n’ sequências – elípticas ou completas – de mesmo tipo ou de tipos diferentes”².

Defende Adam (2008) que a sequência apresenta-se sob diferentes formas de construção narrativa, cujas formas dependem de seu grau de narrativização. Uma narrativa que se constitui somente por uma simples enumeração de uma sequência de ações e/ou eventos possui baixo grau de narrativização. Ao contrário, quando a narrativa estrutura-se sob as cinco proposições, formando a tríade Nó [Pn2], (Re)ação ou Avaliação [Pn3] e Desenlace [Pn4], corresponde a um alto grau de narrativização. Adam (1997, p. 78) afirma que “o par Nó ↔ Desenlace constitui o elemento determinante de toda a construção da intriga”. Conforme Todorov e Larivaille (1968; 1978 *apud* ADAM 2008), apresentam uma estrutura hierárquica que se compõe de cinco macroproposições narrativas de base (Pn), que corresponde aos cinco momentos (m) do aspecto: antes do processo (m1), o início do processo (m2), o curso do processo (m3), o fim do processo (m4) e depois do processo (m5).

² Un texte narratif est une structure hiérarchique complexe comprenant “n” séquences – elliptiques ou complètes – de même type ou de types différents. (Tradução sob nossa responsabilidade.)

Além disso, cada história contada mobiliza personagens implicados em acontecimentos no eixo do sucessivo. Adam (1997, p. 81) afirma que “só falaremos de construção em forma narrativa quando uma ou várias proposições forem interpretáveis como Nó [Pn2] e como Desenlace [Pn4]”. Assim, deduzimos que uma narrativa, sustentada por um processo de intriga, apresenta a sequência narrativa em seu alto grau de narrativização. Esse processo consiste na seleção e organização de acontecimentos de maneira a formar um todo, uma história ou uma ação completa. A partir de um estado equilibrado, cria-se a tensão e desencadeia-se uma ou várias transformações, para isso são necessários seis constituintes, a serem citados no decorrer da explanação, que, reunidos, formam uma narrativa.

Kaufman; Rodrigues (1995) partilham esse ponto de vista. Elas também defendem que, no texto narrativo, predomina a trama narrativa em função de sucessão de fatos e ações que se estabelecem em uma sequência temporal e causal. Também destacam a importância dos personagens que realizam as ações.

Compreendemos que a narrativa não está presente somente no texto literário, mas também em textos não literários. A intriga é, no entanto, o processo principal que constitui a história e, conforme Kaufman; Rodriguez (1995), os personagens e o momento adquirem importância para a realização e conclusão das ações. Observamos que a teoria-base dos protótipos amplia a discussão. Segundo Adam (1992), a sequência narrativa caracteriza-se através de seis constituintes:

- sucessão de eventos, que consiste na delimitação de um evento inserido em uma cadeia de eventos alinhados em ordem temporal;
- unidade temática, que privilegia um sujeito agente, mesmo existindo vários personagens; um deverá ser o mais importante e que desencadeará toda a ação narrada;
- predicados transformados, consiste no desenrolar de um fato que implica a transformação das características do personagem;
- processo, a narrativa deve apresentar um início, um meio e um fim;
- intriga, que dá sustentação aos fatos narrados, podendo levar o narrador a alterar a ordem processual natural dos fatos;

- moral, uma reflexão sobre o fato narrado, que pode encerrar a verdadeira razão de se contar aquela história, mas não é parte essencial da narrativa, podendo vir implícita.

Com base em todos esses elementos, o esquema prototípico da sequência narrativa constitui-se de cinco macroproposições, que perfazem a situação inicial, a complicação, as (re)ações ou a avaliação, a resolução e a situação final; a moral pode ser explicitada ou não na narrativa. Esse protótipo sofreu algumas mudanças e, por essa razão, utilizamo-nos de Adam (2008).

A intriga, a nosso ver, é um processo composto por ações que culminam em uma relação de causa e efeito, em seu alto grau de narrativização. Além disso, a sequência narrativa pode vir forte ou fracamente segmentada. O processo de intriga constitui-se de elementos relevantes na construção da narrativa, pois se constrói a partir de três macroproposições que se apresentam sob a forma de: complicação [Pn2], re(ações) ou avaliação [Pn3] e resolução [Pn4]³.

Para Adam (1997), o impasse de uma narrativa pode estar presente no Desenlace. Ainda segundo Adam (2008, p. 227), “[...] a base Pn1 é dinamizada por Pn2 e conduz a um estado transitório Pn3, que se interrompe, ele próprio, sob o efeito de Pn4 que leva ao final Pn5”. Por vezes, tensão dramática, que, como afirma Adam (1997), é uma noção puramente semântica e não ocupa lugar definido, é confundida com o Nó desencadeador da construção da intriga que é uma noção puramente composicional. A tensão dramática pode fazer parte da intriga, mas também é possível que haja uma intriga sem tensão dramática ou mesmo o inverso. Para ilustrar a explicação, citaremos um exemplo de composição com tensão dramática e outro com processo de intriga, em seguida, um exemplo de *script*, que demonstra uma situação textual em que não há a tensão dramática e a intriga:

(01)

Era uma vez um príncipe. **Este queria desposar uma princesa, mas tinha de ser uma verdadeira.**⁴ Então viajou pelo mundo inteiro para encontrar, mas não achou nenhuma que

³ Conforme demonstraremos, no decorrer deste artigo, a terminologia utilizada por Adam (1992), em relação ao processo de intriga, será diferente em obras mais recentes. A denominação mais atual é de Nó [Pn2] e de Desenlace [Pn4], essa mudança da nomenclatura não implica na incompreensão da sequência narrativa da proposta anterior.

⁴ Grifo nosso.

fosse perfeita. Princesas não faltavam, mas que fossem verdadeiras princesas, disso é que ele não estava muito seguro, havia sempre nelas algo que não estava perfeitamente bem. Então regressou ao palácio e continuava muito triste, de tal forma tinha desejado encontrar uma verdadeira princesa. (ADAM, 1997, p. 53-54).

(02)

É PRECISO FAZER SINAL AO MOTORISTA

A senhora esperava o autocarro

o senhor esperava o autocarro

passa um cão preto a coxear⁵

a senhora olha para o cão

o senhor olha para o cão

e enquanto isso passou o autocarro⁶.(ADAM, 1997, p. 81).

(03)

Hoje, eu saí de casa para tomar o trem de 8h30, que chega a Turin às 10 horas. Tomei um táxi que me conduziu à estação; lá, comprei um bilhete e voltei ao bom cais; às 8h20, entrei no trem, que partiu na hora e que me conduziu a Turin. (ADAM, 1992, p. 53).

O primeiro exemplo é uma situação inicial problemática, porque o príncipe quer apenas como esposa uma verdadeira princesa – isso já destaca a tensão dramática – porém, no fim da sequência, ele não consegue ter sucesso em sua empreitada e fica “muito triste”. Já no segundo exemplo, observamos que o processo de intriga é iniciado pelo Nó desencadeador [Pn2], “passa um cão preto a coxear”, seguido das reações [Pn3] da senhora e do senhor que olham para o cão, encerrando o processo de intriga no último verso, Desenlace [Pn4], “e enquanto isso passou o autocarro”. Nenhuma tensão dramática é apresentada nessa situação. No terceiro exemplo, a situação elenca ações (*saí de casa, tomei um táxi, comprei um bilhete, voltei ao bom cais, entrei no trem*), mas não apresenta em sua estrutura o processo de intriga. Quando ocorre isso, é denominada de baixo grau de narrativização. Segundo Adam (1994, p. 97), “onde não há uma unidade de uma mesma ação, não há narrativa”⁷. De acordo com essa afirmação, não há um processo de intriga que dinamize o texto, por essa razão, a narrativização presente constitui-se em um baixo grau. Em sua obra de 1994, Adam faz algumas alterações no esquema da sequência narrativa, conforme abaixo:

⁵ Grifo nosso.

⁶ Grifo nosso.

⁷ Où il n’y a pas d’unité d’une même action, il n’y a pas de récit. (Tradução sob nossa responsabilidade.)

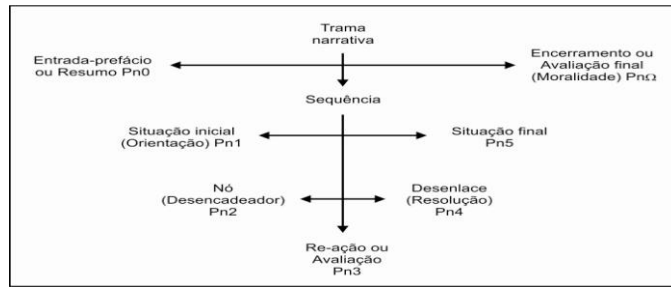


FIG.01: ESQUEMA DA SEQUÊNCIA NARRATIVA (ADAM, 2008, p. 228).

No esquema prototípico narrativo supracitado, a Complicação é denominada também de Nó, que substitui o desencadeador um. Na Resolução, é acrescentado o Desenlace, que substitui o desencadeador dois no esquema de Adam (1992). As alterações, num primeiro momento, conferem às proposições *funções* mais específicas à intriga: Nó, Ações ou Avaliação e Desenlace determinantes na narrativa, que constituem, a nosso ver, as funções de maior peso e que foram analisadas no *corpus* de produções textuais. Na análise das produções textuais, optamos por esse esquema, mais atual, que consideramos mais completo e que atende às nossas expectativas no que se refere à construção da sequência narrativa.

No item seguinte, trataremos acerca do modo de planificação, tema sobre o qual se debruça Bronckart, que completará a nossa discussão e servirá de base para a análise dos dados também.

Modo de planificação

A noção de sequência/protótipo, denominação dada por Adam, apresenta-se em Bronckart sob modo de planificação de linguagem, que se desenvolve no interior do plano geral de texto, ou seja, nos níveis infraordenados em relação à unidade-texto. Esse modo de planificação, que se apresenta de diferentes formas nos tipos de discurso, pode organizar-se através de sequências textuais ou de *script* quando ambos se referem ao Mundo do Narrar.

Os tipos de discurso advêm do que Bronckart denomina mundos discursivos que contribuem para colocar em interface representações individuais (em organismo-agente) e representações coletivas (em obras humanas). Esses mundos são virtuais, contrastando com o

mundo ordinário; eles são considerados sistemas de coordenadas formais que devem mostrar o tipo de relação que mantém com o mundo da atividade humana, ou seja, o mundo ordinário.

A mediação através dos tipos apresenta um caráter mais restritivo que a mediação por meio dos gêneros de textos, na medida em que a margem de adaptação dos agentes é fortemente limitada pelas propriedades do sistema da língua e/ou representações. Em decorrência disso, Baltar (2008) afirma que o destaque que Bronckart dá aos tipos de discurso é uma forma de dar relevo ao folhado que configura os textos/gêneros, visto que estes indicam algumas regularidades presentes nas atividades e ações de linguagem que são peculiares à configuração dos gêneros textuais.

De acordo com Bronckart (2007), os mundos discursivos constroem-se com base em dois subconjuntos de operações não denominados pelo autor. As primeiras organizam o conteúdo temático de um texto e as coordenadas do mundo ordinário, explicitando a relação existente entre as coordenadas gerais. As segundas dizem respeito ao relacionamento entre as diferentes instâncias de agentividade (personagens, grupos, instituições, etc.) e sua inscrição espaço-temporal e, de outro lado, os parâmetros físicos da ação da linguagem em curso (agente-produtor, interlocutor eventual e espaço tempo de produção). O autor faz o cruzamento entre tipos psicológicos e mundos discursivos permitindo a seguinte combinação:

		Coordenadas gerais dos mundos	
		Conjunção	Disjunção
		EXPOR	NARRAR
Relação ao ato	<u>Implicação</u>	Discurso interativo	Relato interativo
de produção	<u>Autonomia</u>	Discurso teórico	Narração

QUADRO 01: ESQUEMA DOS TIPOS DE DISCURSO (BRONCKART, 2007, p.157).

Como o próprio Bronckart (2007, p. 155) diz, “esses mundos assim como as operações em que se baseiam não são, entretanto, identificáveis, senão a partir das formas linguísticas que os semiotizam, sendo eles, portanto, dependentes dessas formas linguísticas”. Destacaremos, entretanto, o mundo do NARRAR que se divide em relato interativo e narração. O relato interativo, segundo Bronckart (2007), é um tipo de discurso que se desenvolve em uma situação de interação, podendo ser real (e originalmente oral) ou posta em cena, no quadro de um gênero escrito como o romance. Por apresentar um caráter monologado se traduz pela ausência de frases não declarativas. O relato interativo caracteriza-

se também pela implicação dos parâmetros da interação verbal. As unidades linguísticas referem-se diretamente às personagens-agente dessa interação e outras unidades explicitam a relação existente entre o quadro espaço-temporal dos acontecimentos narrados e o da interação verbal.

A narração constitui-se em um tipo de discurso, geralmente, escrito e sempre monologado que comporta frases declarativas⁸. Caracteriza-se por verbos no pretérito perfeito e imperfeito, com a presença de organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais, coordenativos, subordinativos etc.) e pela presença conjunta de anáforas pronominais e de anáforas nominais, apesar de estas serem comuns a outros tipos de discurso. Articula-se com um mundo cujas instâncias de agentividade são autônomas em relação a esses parâmetros.

Os acontecimentos ou ações constitutivas da história são simplesmente dispostos em ordem cronológica sem que essa organização linear registre qualquer processo de tensão. Essa organização linear é denominada por Bronckart de *script* ou grau zero da planificação dos segmentos da ordem do NARRAR. O *script* organiza o conteúdo temático em uma ordem cronológica de acontecimentos narrados que são mais frequentes nos relatos.

Salientamos que os tipos de discurso podem ser *puros* ou *ideais*, podendo se combinar ou interpenetrar em modalidades complexas. Uma hipótese levantada por Bronckart (2007) acerca do quadro da prática dos tipos/mundos discursivos supracitados é que eles se constroem e se desenvolvem em diversas formas de raciocínio humano – raciocínio causal/temporal nos mundos do NARRAR (relato e narração). Já o raciocínio de senso comum apresenta-se no discurso interativo e o raciocínio lógico-argumentativo, no discurso teórico. Segundo Bronckart (2008, p. 89), “é no quadro desses tipos discursivos que se realizam os modos de planificação propriamente linguístico que são as sequências (cf. ADAM, 1992), que se organizam em orações ou cláusulas, descritas pelas teorias sintáticas”.

Para nossa pesquisa, faz-se necessário o estudo da planificação, pois constitui a infraestrutura textual em paralelo com a concepção de Adam acerca da estrutura interna do texto, havendo em ambos os autores, neste aspecto, uma complementação de informações apesar das diferenças existentes entre as teorias.

⁸ Segundo Bronckart (2007), o termo declarativo refere-se a uma aceção lógica ou cibernética: um conhecimento estabilizado (ordem do saber), por oposição a um conhecimento procedimental (ordem do saber-fazer).

Metodologia de análise

Esta pesquisa apresenta um caráter teórico-prático, utilizamo-nos do método indutivo e dedutivo que se delineou em um estudo quase-experimental. A análise ocorreu em um grupo (turma) de alunos de 6º ano de uma escola privada, localizada na periferia de Fortaleza, no bairro Henrique Jorge. De acordo com Gil (1989, p. 75), esse tipo de pesquisa “é constituído por um grupo, geralmente reduzido, previamente definido quanto às suas características fundamentais”. A escolha desse grupo de alunos, em especial de 6º ano, deveu-se à verificação de como o aluno dessa série constrói um texto narrativo. A turma escolhida apresentava alunos na faixa etária entre dez e onze anos, idade esperada para o ingresso desse aluno na série em estudo. Apenas dois alunos estavam fora de faixa, entre doze e quatorze anos.

As produções textuais analisadas, com base no gênero conto popular, somam quarenta e dois textos (42) de alunos de 6º ano, como já mencionado. Esses alunos foram submetidos a uma primeira produção textual denominada de produção inicial (doravante PI) e, após as oficinas, eles foram submetidos à produção de um segundo texto, denominado produção final (doravante PF), para posterior análise e comparação dos dois momentos de produção textual. Durante as oficinas, os alunos produziram outros textos, mas foram considerados para análise a PI e a PF. Além disso, a contagem das produções textuais se fez de acordo com a presença do aluno em todas as atividades elaboradas no período das oficinas. Por essa razão, as produções de sete alunos não foram analisadas, em decorrência desse fator. Consideramos, para efeito de análise dos dados da pesquisa, os textos dos alunos cuja presença foi verificada em todas as etapas do processo. Ou seja, só foram consideradas as produções dos alunos que participaram de todas as oficinas.

As oficinas ocorreram nas aulas, de aproximadamente cem minutos, ou seja, duas aulas geminadas⁹, organizadas durante três semanas. Elas obedeceram à carga horária das aulas de língua portuguesa (quatro aulas semanais) e de redação (duas aulas semanais), totalizando dezesseis aulas ao final da atividade. Na primeira semana das oficinas, o trabalho foi realizado nas quatro aulas de língua portuguesa, somente nas duas semanas seguintes,

⁹ Somente as aulas de redação não foram trabalhadas com aulas geminadas, porque o horário da escola dividia-as em duas aulas de 50 minutos cada uma e em dias diferentes.

utilizamos também a carga horária das duas aulas de redação para completarmos o tempo combinado, previamente, com a escola. Nessas oficinas, tomamos como base a sequência didática de Schneuwly; Dolz (2004), elaborando atividades que apresentavam a sequência narrativa.

Ao término das três semanas de atividades, em sala de aula, selecionamos o *corpus* utilizando, como primeiro critério, a participação dos alunos em todas as etapas das oficinas realizadas nesse período, em seguida, codificamos cada uma delas. De acordo com a ordem alfabética de nomes dos alunos, as etiquetas constam, primeiramente, de sigla PI ou PF, as iniciais do nome completo do aluno participante da pesquisa e de um número que segue a ordem crescente conforme os exemplos a seguir: PIAMS01, PIBGA02, sucessivamente.

Análise das produções textuais iniciais (PI)

Na análise das primeiras produções textuais desenvolvidas pela classe escolhida para a pesquisa, tivemos como objetivo fazer um levantamento de como são estruturados os textos do gênero do narrar, dando destaque à análise da sequência narrativa. Esclarecemos, desde já, que o objetivo não é enquadrar em uma justa medida o protótipo narrativo de Adam (1992; 2008), ao contrário, o objetivo desta análise é verificar a estrutura de um gênero do narrar real e ampliar o conhecimento acerca do texto narrativo em sala de aula.

Conforme as orientações de Schneuwly; Dolz (2004) acerca das sequências didáticas, as produções textuais foram feitas em dois momentos PI e PF. Tomamos, inicialmente, para esta análise, as produções iniciais que não tiveram orientações específicas acerca dos assuntos que foram abordados durante as oficinas; após a leitura de um texto do gênero conto popular seguido de comentário, os alunos foram estimulados a produzir esse gênero.

Identificamos que algumas dessas produções textuais apresentavam a sequência narrativa com todas as proposições, conforme Adam (1992; 2008), e aparecem sob a forma de [Pn1] Situação inicial, [Pn2] Nó, [Pn3] (Re)ações ou Avaliação, [Pn4] Desenlace e [Pn5] Situação final. Segundo Canvat (1996), as tipologias textuais apoiam o leitor no sentido de que este apresenta, intuitivamente, uma coerência a uma série textual e que, a partir de alguns esquemas globais, há o processamento cognitivo. Confirmamos que os alunos produtores desses textos, utilizaram-se de todas as proposições, talvez isso possa ter ocorrido a partir da

leitura do texto que foi trabalhado como estímulo para a produção, ou pelo contato com outras histórias a partir de leitura e audição. Nessas produções, havia o processo de intriga que caracteriza o texto do gênero do narrar sob a forma de narrativa. De um total de vinte uma (21) produções textuais, onze (11) apresentam todas as proposições elencadas anteriormente.

Observamos nessa produção que, apesar de apresentarem problemas ortográficos e de outra ordem, há uma sequência lógica de acontecimentos, apresentando o processo de intriga formado pelo Nó, (Re)ações ou Avaliação e Desenlace que sustentam um texto narrativo. Vejamos, na íntegra, uma dessas produções com a sequência narrativa completa.

(04) O LOBISOMEM

[Pn1][e1a]Era uma vez um homem grande e forte chamado João, [e1b] ele era muito conhecido na cidade que vivia. [Pn2] Um dia ele estava indo trabalhar na roça. Quando ele estava chegando ele viu um homem sendo atacado por vários lobos. [Pn3][e3a]João pegou umas pedras e jogou nos lobos, [e3b] os lobos correram para cima dele, [e3c] João pegou um galho e começou a bater nos lobos. [e3d] O homem que estava caído começou a ajudar João a bater nos lobos, [e3e] os lobos correram mas de repente apareceu um lobo atrás de João e mordeu o braço dele [e3f] mas ele se soltou e bateu no lobo e ele correu. [e3g] O homem disse muito obrigado a João e disse que se chamava Miguel, [e3h] João se apresentou e depois eles foram para a roça.

[Pn4][e4a]Quando eles saíram da roça já era meia noite, [e4b] João se transformou e um lobisOMEM por causa da mordida do bolo. [e4c] O lobisOMEM tentou matar Miguel [e4d] mas ele correu mas ele caiu e o lobisOMEM ia matar ele [e4e] mas apareceu uma fada e lançou um raio no lobisOMEM [e4f] que fez ele viver João de novo [Pn5] e depois disso João e Miguel se tornaram amigos inseparáveis. (PIJAOP09).

De acordo com Adam (2008), há um plano de texto que confere ao protótipo narrativo uma estrutura que se assemelha, em parte, às regras da retórica. Essa estrutura baseia-se na macrosegmentação formada por alíneas, separações marcadas e dados peritextuais, que se referem aos entretítulos, mudanças de partes e de capítulos. Identificamos em duas produções textuais iniciais que havia essa mudança de partes com a introdução de [Pn0] e [PnΩ] que complementam a sequência narrativa. Compreendemos, contudo, que o excerto de [PnΩ] pode ser considerado fragmento de diálogo do personagem, visto que muitas produções apresentavam esses fragmentos de maneira mais evidenciada. Apresentamos a seguir cada excerto de acordo com as proposições citadas anteriormente.

(05)

[Pn0][e0a] Quando um casal tem seis filhos e o sétimo for um filho [e0b] esse filho se vise a lua cheia começava sua transformação: ficava com pelos sua boca e orelha crescia suas unhas ficavam grandes e afiadas [e0c] ele se transformava o lobisomem [Pn1][e1a] e foi isso que aconteceu com um menino chamado Marcos e seu pai ficou com os olhos arregalados. (PIMSS16).

(06)

[Pn5][e5a] Quando o cavalo se acalmou [e5b] o doido trancadão cuidou de seus ferimentos e disse. [PnΩ] Aprendi que devo ser mais trancadão e [e5c] subiu em seu cavalo e seguiu viagem. (PIJLN08).

As sequências narrativas são, conforme dito, estruturadas a partir de proposições que apresentam o processo de intriga, nas produções analisadas, algumas delas não apresentavam uma das proposições, dentre elas, [Pn4] Desenlace. Consideramos que o excerto se constitui em um texto que apresenta uma sequência de ações, visto que a sequência narrativa compõe-se de proposições e, nessa situação, não apresentou o [Pn4] Desenlace. Quando isso ocorre, o texto apresenta uma baixa narrativização, segundo Adam (2008), que o descaracteriza de determinados gêneros de discurso ou implica na ausência de proposição que, para nós, compromete o processo de intriga. Isso nos permite compreender que o aluno, ao produzir o texto, suprimiu a proposição em questão, mas não implica dizer que não seja uma sequência narrativa. A orientação do professor e a revisão do texto permitirão ao aluno corrigir a *falha*. Observamos que isso ocorreu em quatro (04) produções analisadas que apresentaram o baixo grau de narrativização. O texto a seguir demonstra que há ausência da proposição [Pn4] Desenlace.

(07) OS POBRES QUE QUERIAM IR PARA SOBRAL

[Pn1] [e1a] Era uma vez um senhor muito pobre que se chamava Ronaldo, Ronaldo tinha um filho.

[e1b] Ele se chamava Mario.

[Pn2] [e2a] Um dia eles resolveram que queriam ir para sobral, [e2b] mas queriam achar um companheiro de viagem, e acharam seu nome era Adriano [e2c] e ele era um pouco surdo.

[Pn3] [e3a] Adriano estava de limozine, Ronaldo e seu filho estavam “a pé”, [e3b] Adriano não ofereceu a limozine [e3c] por que ele estava muito apressado para ir se arruma para viajar para Sobral com a família deles e alguns amigos deles e foram [Pn5] [e5a] quando chegaram foram logo para o hotel para aproveitar o resto do dia [e5b] e eles foram para a pousada e lá eles fizeram muitas amizades. (PIBGA02).

Algumas produções textuais apresentam uma estrutura que compreendemos como incompleta quanto à estrutura narrativa, porque há ausência de proposições, além disso, essas produções diferenciam-se dos textos analisados anteriormente. Das duas (02) produções (PIHMS07; PIPBTFCF17) que não apresentam as proposições completas, identificamos uma em que não aparece [Pn5] Situação final. Esta situação não implica dizer que se trata de uma sequência narrativa com baixo grau de narrativização, porque as proposições que formam o processo de intriga estão presentes nessa produção conforme observamos a seguir:

(08) O AZALADO QUE FICOU RICO

[Pn1][e1] Era uma vez um homen andando pela estrada de caminha(ao), na carga havia muitos ovos [Pn2][e2a] e um certo dia um homen pediu carona [e2b] esse homen que pediu carona era ladrão ele levou todos os ovos [Pn3][e3a] e depois o homen com seu caminhão seguiu o ladrão [e3b] e na verdade esse ladrão so queria ajudar sua família pobre [e3c] e o homem deixou com eles os ovos e seguiu a viagem [e3d] ele parou para comer e pediu um suco [e3e] e outra pessoa pediu carona e ele desconfiou mas primeiro vou lhe revistar [e3f] e ele tinha os pés ao contrário e ele pensou deve ser o curupira eu vou vendelo para comprar mais comida [Pn4] [e4a] e o curupira olhando para a cara do homem ele se desconfiou e pediu para ir no mato para fazer uma coisa [e 4b] o homen achando que ele ia fugir mas não o curupira trouxe um saco cheios de pedras de ouro. (PIPBTFCF17).

A produção seguinte, no entanto, diferencia-se das demais, porque sua estrutura se compõe apenas de uma proposição [Pn1] Situação inicial e de diálogo entre personagens. Dentre as analisadas, essa produção não apresenta características da sequência narrativa nem de um *script*, pertencente ao tipo de discurso relato interativo, propriamente dito. Compreendemos essa produção como um texto que apresenta predominância da sequência dialogal, que não focalizamos em nossa análise, por não se constituir em objeto de estudo desta pesquisa. Isso não implica, contudo, dizer que seja uma sequência desnecessária já que as sequências podem se mesclar. Consideramos, todavia, oportuno mostrar este texto para ressaltar a versatilidade e propriedade com que os alunos se apropriam das diversas formas de composição textual. Esse fato já é previsto, inclusive, pelos próprios autores quando falam em estruturas composicionais inseridas e inserentes.

(09) A NOVATA FANIQUITA

[Pn1][e1a]Era uma vez uma menina que se jamava Faniquita [e1b]ela era uma formiguinha [e1c]ela era uma formiga tímida um dia na escola.

*Oi, oi, oi a Faniquita¹⁰ [e1d] disse e um menino que era de muito tempo la disse: Oi meu nome é SMILIGUIDO falou. Oi meu nome é Faniquita eu sou novata aqui você pode me amostra o colégio porque eu estou com vergonha. A não presisa disso ta bom.
Aqui é minha sala que eu vou estudar e aprender.
É isso mesmo é minha também.
A vamos entrar para asisti A muito obrigado De nada
A devo ir chau foi um pra ser ti conhecer a amanha eu vou te ver dinovo aran chau.
chau. (PIHMS07).*

Identificamos duas (02) produções textuais que apresentam sequências narrativas inseridas uma na outra. Acerca disso, Canvat (1996) afirma que há sequências inserentes ou dominantes e inseridas ou dominadas. Essa distinção permite alcançar o objetivo da ação de comunicação. O autor cita um exemplo bem pertinente para nossa análise, afirmando que uma história pode ser um pretexto para convencer, conforme podemos observar no gênero fábula. Nessa produção, identificamos duas histórias envolvendo a personagem com a sequência narrativa completa: a primeira que expõe o desejo da personagem; e a segunda, um acontecimento trágico que desencadeia os fatos finais da narrativa. Compreendemos que essa produção estabelece uma relação lógica entre os fatos e o propósito de comunicar algo acerca da força de um sentimento ainda que isso possa não ter sido intencional.

(10) CHANEL

[Pn1][e1a] Era uma vez uma garota chamada Chanel, **[e1b]** ela viajava pelas cidades a procura de um companheiro (para ter felicidades).

[e1c] Ela já estava a 5 anos procurando, **[e1d]** pois ela tinha 20 anos, **[e1e]** os pais dela já tinham morrido e mandou ela para avo e a avo dela morreu **[e1f]** já ia fazer 5 anos da morte da avó dela pois os pais dela morreram quanto ela tinha 10 anos.

[Pn2][e2a] Por isso ela vive só a procura de um companheiro para ela.

[Pn3][e3a] Ela procurou tando que achou um namorado, **[e3b]** eles estavam retornando a cidade Natal dela **[Pn1]**¹¹ e eles passando por uma floresta escura **[Pn2][e2a]** eles viraram um ladrão que mandou eles darem o dinheiro **[e2b]** mais o marido dela e muito valente e não deu **[Pn3]** o ladrão matou o marido dela.

[Pn4][e4a] Ela chorando foi atrás do ladrão mas ele atirou nela e a matou, **[Pn5][e5]** o espírito dela virou uma lenda urbana muito conhecida, **[Pn2][e2a]** mas um dia ela foi assustar uma cidade que as pessoas morriam de medo dela **[e2b]** não deixava as crianças saírem de casa.

[Pn3][e3a] Um dia um grupo de pessoas fizeram um círculo de invocação e trouxe a alma do seu amado **[e3b]** por que esse grupo sabia que ela estava sofrendo.

[Pn4][e4] Quando ela viu o seu amado o abraçou e o beijou e eles foram para o céu **[Pn5]** e aquela cidade viveu em paz e a alma dela também. (PIMMS12).

¹⁰ Destacamos em itálico, porque percebemos um fragmento da sequência dialogal que não nos interessa nesta pesquisa.

¹¹ Destacamos em itálico por apresentar uma sequência narrativa inserida em outra.

De acordo com Adam (1994, p. 114), “um texto narrativo é uma estrutura hierárquica complexa compreendendo ‘n’ seqüências – elípticas ou completas – do mesmo tipo ou de tipos diferentes”¹². Essa afirmação respalda nossas considerações acerca da análise dessas produções textuais, compreendendo que há uma estrutura internalizada no falante acerca da narrativa. Nas produções analisadas, identificamos essa organização interna presente nos textos, porque, apesar do desconhecimento de pormenores acerca da seqüência narrativa, os alunos já possuem um conhecimento internalizado da estrutura de uma história por ouvi-las em casa ou na escola desde os primeiros anos de vida. No entanto, isso não implica dizer que seja desnecessário o aprendizado, na escola, da infraestrutura. O conhecimento da seqüência narrativa contribui para que ele perceba que existem gêneros em que se faz presente a seqüência narrativa com alto grau de narrativização e gêneros em que essa seqüência apresenta um baixo grau de narrativização.

Análise das produções textuais finais (PF)

As produções textuais analisadas foram produzidas na última oficina e tiveram como estímulo as festas juninas que estavam para acontecer naquele período. Os alunos tomaram por base, para as produções iniciais, a leitura de um texto. Num segundo momento, a produção final foi realizada apenas com o estímulo, conforme dito, de uma temática que estava próxima da realidade dos alunos, naquele período. Por essa razão, eles produziram textos que tratavam da temática, mas nem todos esses textos pertenciam ao mundo do narrar; alguns desenvolveram predominantemente outras seqüências, que não foram analisadas em nossa pesquisa, já que não eram nosso foco de análise. Compreendemos, no entanto, que um aluno capaz de produzir um texto com uma organização argumentativa que apresenta coerência nas ideias expostas, conforme observado nessas produções, provavelmente, produzirá um texto do gênero do narrar, sem dificuldades, haja vista ter recebido as orientações para isso.

¹² [...] les typologies textuelles s’appuient sur le fait que le lecteur confère intuitivement une cohérence à une suite textuelle à partir de certains schémas globaux, dont la (re)connaissance et la maîtrise facilitent le traitement cognitif. (Tradução sob nossa responsabilidade.)

De um total de vinte e um textos, podemos afirmar que, segundo os critérios aqui observados, essencialmente narrativos foram produzidos quatorze (14). A sequência narrativa que observamos apresenta [Pn1] Situação inicial, [Pn2] Nó, [Pn3] Re(ação), [Pn4] Desenlace e [Pn5] Situação final; além de [Pn0] Entrada-prefácio, Simples período e [PnΩ] Avaliação-final. O texto analisado demonstra que há a sequência, apesar de apresentar problemas de outra ordem que não serão contemplados nesta pesquisa, tais como: ortográficos, gramaticais etc. A tríade – [Pn2] Nó, [Pn3] Re(ação) e [Pn4] Desenlace – apresenta-se no decorrer da produção com marcas linguísticas que contribuem para a organização do tipo de discurso narração. Conforme Bronckart (2007, p. 89), “é no quadro desses tipos discursivos que se realizam os modos de planificação propriamente linguísticos que são as sequências (cf. ADAM, 1992), que se organizam em orações ou cláusulas, descritas pelas teorias sintáticas”. O texto é construído através das marcas linguísticas e a organização, cuja sequência narrativa faz parte, compõe a infraestrutura de gêneros do narrar.

O texto a seguir apresenta a sequência narrativa que se faz presente também em outros textos analisados, alguns apresentam o plano de texto completo a serem apresentados no decorrer da análise, outros apenas a sequência. Essa estrutura-base é internalizada pelo aluno, podendo ser percebida na construção do texto, principalmente, nas produções finais. No entanto, há textos que apresentam diferenciação de uma sequência narrativa com alto grau de narrativização de outra com baixo grau de narrativização. Além disso, identificamos textos com a estrutura de *script* pertencente ao tipo de discurso relato interativo. Essa diferenciação permite ao aluno produzir gêneros textuais que ora apresentam a sequência narrativa ora a estrutura de *script*. Enfatizamos que utilizamos as terminologias de ambos os autores, porque auxiliam na compreensão dessas diferenças presentes na construção dos textos do gênero do narrar.

(11) A FESTA MAIS RUIM

[Pn1][e1a] Era uma ves uma menina que gostava muito de festa junina [e1b] no dia ela foi aluga o vestido para ir [Pn2][e2a] eu aluguei quando gego o dia e a hora da da festa o meu par fautro [Pn3][e3a] quando eu sobe dessa coisa eu chorei muito [e3b] porque eu alugei de beija (besta) pois ele fato [e3c] amenhada eu vo fala com ele [Pn4][e4a] eu fui quando eu chegei La eu toquei a companhia blim blom [e4b] ele abrio a porta e dis *OI com vai eu vôo muito rui eu esto doente estou cripada com do de graganta e com febre e não pode ir da mas descupa minha querida e porque não deu para eu quero ser o par favor não escolhe outro par por favo – Eu espero que você melhore ta bom ei eu trose augumas fotos da festa junina ei eu vo aquia no computado para acessa para passa as foto são mais o*

menos 43 eu também tirei umas fotos com animais e amigos minhas mais ele, fiserão uma festinha ea no quintal. la eles tinha foguera e milho para pode não fica com fome ta ai [Pn5] foram felises para sempre!!! (PFBGA02).

Verificamos que num total de quatorze (14) produções, alguns textos apresentam somente a sequência narrativa, apresentando-se em cinco (05) produções textuais, conforme demonstramos no exemplo (11). Além disso, há sequências narrativas, como a do exemplo (12), que são introduzidas por [Pn0] e finalizadas por [PnΩ], as primeiras apresentam-se em quatro (04) produções textuais e as segundas em duas (02) produções. Observamos textos em que, além da sequência narrativa, também apresentou o plano de texto com Simples período num total de duas (02) produções. Em apenas uma (01) das produções textuais, identificamos o plano de texto com [Pn0], Simples período, Sequência narrativa e [PnΩ]. A seguir, observaremos um exemplo a fim de destacar que os alunos constroem produções com essas proposições e acréscimos do plano de texto, as quais contribuem para o desenvolvimento da narrativa, por já terem um esquema mental que lhes possibilitam (re)produzir outros textos dessa mesma natureza. A contribuição do professor é ensiná-los que essa sequência deve estar de acordo com o gênero que se pretende produzir. De acordo com Canvat (1996, s/p), “o leitor confere intuitivamente uma coerência a uma série textual a partir de certos esquemas globais, cujo reconhecimento e o domínio facilitam o processamento cognitivo”. Conforme observamos a seguir, essa produção é uma narrativa e nela se apresenta o alto grau de narrativização, que envolve o processo de intriga.

(12) FESTA JUNINA

[Pn0][e0a] A festa junina é importante para algumas pessoas que gostam de dançar e etc, [e0b] mais para algumas não é. Sp Como o que aconteceu [Pn1][e1a] as meninas estavam ensaiando para a festa, [Pn2][e2a] mais so que uma menina não tinha pá. [e2b] Então ela foi perguntar o menino se ele queria dançar, [e2c] mais só que ele disse que tinha vergonha.

[Pn3][e3a] Quando chegou o outro dia ela foi tentar dinovo com o mesmo menino, [e3b] dessa vez ela convenceu o menino a dançar com ela.

[e3c] Então chegou o dia o outro dia da festa, a menina tinha chegado lá, na festa tinha muitas barracas de comida e etc. [e3d] Quando ela viu aquelas comidas ela ficou com desejo de comer. [e3e] Tinha tanto, comida gostosa lá, [e3f] algumas delas eram muito conhecidos, como: pé-de-moleque, bolo, pratinho e etc.

[Pn4][e4a] Chegou a hora de dançar e era tão engraçado, [e4b] a menina fazendo o maior esforço pára se apresentar bem [e4c] e o menino lá, dançando todo duro.

[Pn5] Por causa disso a festa terminou toda ruim e isso prejudicou muito. [PnΩ] E foi assim que terminou a festa, todos ficaram muito tristes como o que aconteceu e etc. (PFTAP19).

Segundo Canvat (1996), ao tratar da tipologização homogênea, ele distingue duas formas principais de diferentes sequências em um texto e as classifica em: inserção de sequências e sequência dominante. Observamos em nossa análise que algumas produções textuais apresentaram uma dessas duas classificações, destacamos, porém, a inserção de sequências marcadas pela sequência narrativa. Em duas (02) das produções analisadas (PFLMR11, PFMSH13), identificamos a sequência narrativa que se apresenta inserida em outra sequência narrativa. Observemos a seguir uma dessas produções textuais.

(13) SÃO JOÃO DAS TRADIÇÕES

[Pn1][e1a] Era dia 13 de junho festa junina, quando todos os jovens estavam em volta de uma fogueira contando superstições como: a loira do banheiro, lobisomem e etc.

[Pn2][e2a] Mas teve uma lenda que assustou Fernanda [e2b] foi a lenda da menina de ferro.

Sp Dá medo por causa do escuro e que faz muito frio.

Sp Era assim: [Pn1][e1a] uma menina que os pais tinham morrido quando ela tinha 3 anos.

[Pn2][e2a] Então ela se mudou para um orfanato, devido seu problema ela era muito dura.

[Pn3][e3a] As crianças do orfanato chamavam ela de menina de ferro [e3b] até as professora chamavam.

[Pn4][e4a] Um dia de sábado ela teve uma crise e morreu.

[Pn5] [e5a] Ainda hoje ninguém mas entrou no quarto dela.

[Pn5][e5a] Agora toda noite ela vem para assustar as crianças que magavam dela e os adultos. (PFLMR11).

O texto apresenta a sequência narrativa com o processo de intriga conforme podemos observar na produção (13). Compreendemos, no entanto, que a sequência inserida apresenta-se na função de uma proposição [Pn4] Desenlace, já que essa inserção constrói o sentido da primeira sequência, principalmente, com a presença de [Pn5] Situação final. Acerca disso, percebemos que três (03) produções textuais (PFHM07, PFMVL14, PFPBTCTF17) são construídas sem a presença de [Pn4] Desenlace. Essas produções não desenvolvem a sequência narrativa de forma completa, mas são consideradas narrativas, porque apresentam outras proposições e o grau de narrativização. Além disso, observamos também uma (01) produção textual (PFKFA10) com a sequência narrativa incompleta sem a presença de [Pn5]

Situação final, que não compromete a compreensão do texto, mas causa uma expectativa de que será acrescentada uma complementação de [Pn4] Desenlace para finalizar o texto. Acerca das produções textuais, que não estão estruturadas, conforme a sequência narrativa analisada, observamos quatro (04) produções (PFEGPO04, PFELSA05, PFJAOP09, PFMALG15), construídas com outras sequências narrativas que não estão sendo analisadas nesta pesquisa. Comprendemos, no entanto, que produções desse tipo apresentam uma organização linguística e uma estruturação do pensamento e isso nos permite concluir que há possibilidade de esses alunos terem se desviado da proposta, mas poderem construir textos com a sequência narrativa. Duas (02) dessas produções apresentam o *script* conforme podemos observar no excerto a seguir.

(14)

[Pn1][e1a]Meu pai tem um terreno la em pacatuba [e1b] e o aniverssarie da minha mãe é no dia do Festas Juninas [e1c] ai vai ter o aniverssaril dela e uma parte da Festa Junina. (PFEGPO04).

Segundo observamos, a estrutura apresenta a inserção de outra sequência e a continuidade apresenta-se sob a forma de *script*, pois as ações são enumeradas sem que se desenvolva um processo de intriga, porque o texto não tem como objetivo ser uma narrativa, mas tão-somente descrever a temática abordada na oficina.

Podemos compreender que as produções textuais, apesar de apresentarem essas variações entre narrativa e *script*, oportunizam ao professor trabalhar as diferenças na construção de gêneros do narrar. A presença da intriga foi o diferencial para que o aluno participante das oficinas compreendesse o que é uma narrativa, pois, até então, ele enumerava fatos que poderiam vir a ser ou não uma narrativa.

Considerações finais

As produções que seguiram, criteriosamente, a escolha do gênero conto popular que motivou a produção, mostraram avanços quanto à produção da narrativa em seus aspectos constitutivos. Ao apresentarem a sequência narrativa, verificamos que quatorze (14) produções textuais demonstraram todas as proposições necessárias para a construção

narrativa, conforme as propostas teóricas e metodológicas que trabalhamos com eles. Além disso, houve uma (01) produção que extrapolou nossas expectativas não só utilizando-se da sequência narrativa, mas também utilizando-se do plano de texto com Entrada-prefácio, Simples período e Avaliação final. Também destacamos que os tipos de discursos constituem-se em uma organização linguística em que os gêneros do narrar estão entre o tipo de discurso narração e o tipo de discurso relato interativo que, geralmente, apresenta o *script*, sendo este considerado o grau zero de planificação, tipo de organização textual legítimo nessa faixa etária e nesse nível de escolaridade, como observamos. A diferença entre ambos os discursos consiste tão somente na forma de organização linguística. Acerca disso, Adam e Bronckart apresentam categorias semelhantes por meio das quais as propostas se complementam e auxiliam o trabalho do professor e, conseqüentemente, o aluno na construção da sequência narrativa, sendo confirmada no momento da análise das produções textuais.

Diante do exposto, compreendemos que esses conhecimentos teórico e metodológico auxiliam a orientação dada pelo professor para a construção de textos narrativos em sala de aula. Não desconhecemos, no entanto, que o aluno já apresenta uma *bagagem* construída através da leitura e audição de textos narrativos que permitem uma melhor assimilação das orientações dadas pelo professor.

Referências

ADAM, J. M. Le prototype de la séquence narrative. In: _____. *Le textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992. p. 45-74.

_____. *Le texte narratif*. Paris: Edições Nathan, 1994.

_____; REVAZ, F. *A análise da narrativa*. Tradução: Maria Adelaide Coelho da Silva e Maria de Fátima Aguiar. Lisboa: Gradiva, 1997.

_____. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Tradução: Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2007.

_____. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Tradução: Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

CANVAT, K. Types de textes et genres textuels: problématique et enjeux. *Enjeux revue de didactique du français*, Facultés Universitaires de Namur, Paris, n. 37/38, mar./jun. 1996.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

KAUFMAN, A. M.; RODRIGUEZ, M. H. *Escola, leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 11-19.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J.. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.